

GARRANCHOS GRACILIANO RAMOS

ORGANIZAÇÃO
THIAGO MIO SALLA

2ª edição



E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

Sumário

Introdução — Garranchos e outros Ramos 9

ANOS 1910

Na Terra do Fogo as coisas estão frias 29

Coisas do Rio 32

Linhas tortas III 36

O ladrão 40

ANOS 1920

Garranchos [I] 55

Garranchos [II] 57

Garranchos [III] 59

Garranchos [IV] 61

Garranchos [V] 63

Garranchos [VI] 65

Garranchos [VII] 67

Garranchos [VIII] 69

Garranchos [IX] 71

Garranchos [X] 72

Garranchos [XI] 74

Garranchos [XII] 76

Garranchos [XIII] 79

Garranchos [XIV] 81

Factos e fitas [I] 83

Factos e fitas [II] 85

Factos e fitas [III] 87

Factos e fitas [IV]	88
Factos e fitas [V]	89
Factos e fitas [VI]	90
Judas	91
Uma carta	93

ANOS 1930 AINDA EM MACEIÓ

Macobeba pré-histórico (I)	99
Macobeba antigo (II)	103
O álcool	106
Prefeituras municipais (I)	109
Prefeituras municipais (II)	113
Sertanejos	115
Chavões	119
O testa de ferro	122
Mulheres	125
Doutores	129
Um romancista do Nordeste	133
O romance do Nordeste	138
Alguns números relativos à instrução primária em Alagoas	143
A literatura de 30	146

DEPOIS DA SAÍDA DO CÁRCERE

Uma carta de Graciliano Ramos	151
Jorge Amado	155
Mulheres...	160
D. Zizi	164
O negro no Brasil	167
Um anúncio	175
Um livro inédito II	179
Uma tentativa de explicação	185
Documentário — Resposta de Graciliano Ramos	189
Ideias novas	192

Discurso de Graciliano Ramos	207
Agradecimento à Sociedade Felipe D'Oliveira	216
Uma visita inconveniente	221
O estranho Portinari	226

DEPOIS DA ENTRADA NO PCB

Esta vontade é a nossa arma: Constituinte!	231
A tarefa principal: Constituinte!	235
Revolução Russa	241
Os candidatos do Partido Comunista	245
As rãs estão pedindo um rei	250
Carta aos alagoanos	255
O Partido Comunista e a criação literária	259
Decadência do romance brasileiro	262
Aos estudantes	268
Paulo Honório	271
Discurso à célula Teodoro Dreiser I	277
Discurso à célula Teodoro Dreiser II	285
Cultura a serviço do povo	293
Solilóquio derramado	296
Prestes	300
Lembrança do III Congresso	305
O último romance de Alina Paim	308
A prisão do livro <i>Mundo da Paz</i>	311
Discurso na ABDE	315
Convocação	320
Viver em paz com a humanidade inteira	323
A ABDE e os atentados à cultura argentina	327
Carta de Graciliano às crianças	330
Condena a guerra bacteriológica a Associação Brasileira de Escritores	332
Unidade em defesa dos direitos do escritor	334
Apelo de Graciliano Ramos aos intelectuais brasileiros	337
De Graciliano Ramos a Obdulio Barthe	339

VIDA E OBRA DE GRACILIANO RAMOS

Cronologia 343

Bibliografia de autoria de Graciliano Ramos 347

Antologias, entrevistas e obras em colaboração 350

Obras traduzidas 353

Bibliografia sobre Graciliano Ramos 356

Índice onomástico 373

Introdução

Garranchos e outros Ramos

THIAGO MIO SALLA¹

O presente volume reúne 81 textos de Graciliano Ramos inéditos em livro, produzidos pelo escritor alagoano em diferentes momentos de sua trajetória artística, intelectual e política, abrangendo um período que vai de meados dos anos 1910 até o início da década de 1950. Nesse conjunto díspar, não incluído nas obras póstumas *Linhas tortas* (1962) e *Viventes das Alagoas* (1962), encontram-se crônicas, epigramas, artigos de crítica literária, discursos políticos, cartas publicadas na imprensa, o primeiro ato de uma peça de teatro, além de um conto juvenil intitulado “O ladrão”, datado de julho de 1915, entre outras produções esquecidas em velhos periódicos e acervos de todo o país. Cada uma, a seu modo, permite iluminar facetas pouco conhecidas ou, até então, obscuras do autor de *Vidas secas*, fornecendo mais subsídios para a fundamentação, pelo leitor, de certos elementos concernentes a sua poética, além de ampliar as possibilidades de leitura e compreensão do papel desempenhado tanto pelo homem quanto pelo artista Graciliano Ramos.

Nesta coletânea, figuram desde escritos nos quais o autor ainda se vale de diferentes pseudônimos, abreviaturas e iniciais (Ramos Oliveira, Ramos de Oliveira, Lúcio Guedes, X, R.O., J.C., G.R.)² até aqueles em que já os assina com o nome pelo qual se tornou literariamente consagrado. De maneira geral, nos textos estampados na imprensa ainda nos anos 1910, o escritor optava por deixar de lado o

prenome e valer-se apenas dos nomes de família “Ramos de Oliveira” (ou “Ramos Oliveira”) ou ainda das iniciais destes, “R.O.”. Alguns anos depois, nas páginas do jornal interiorano *O Índio*, o procedimento de encobrir-se ganha realce: por conveniência, o autor subscrive suas produções tão somente por meio de pseudônimos, entre os quais se destacam “Anastácio Anacleto”, “J. Calisto”, “J.C.” e “X”³. Em 1930, nas colaborações para o *Jornal de Alagoas*, o artista ainda se ocultava, fosse por meio da alcunha “Lúcio Guedes”, fosse, mais discretamente, mediante o emprego das capitulares “G.R.”. Somente a partir de 1931, em sua contribuição para *Novidade*, revista alagoana na qual publica pela primeira vez um trecho de romance,⁴ passará a assinar “Graciliano Ramos”, deixando de lado, desde então, toda e qualquer forma de disfarce.

Se os textos da presente coletânea variam quanto ao gênero e aos traços de autoria, o mesmo se pode dizer no que diz respeito aos assuntos. Entre eles, destaque para: as impressões do ainda jovem cronista sobre o Rio de Janeiro do começo do século XX; diferentes aspectos da vida sertaneja; o cenário político alagoano no começo dos anos 1930; a exaltação da arte dos romancistas nordestinos; os debates literários da capital do país, no momento posterior a sua saída do cárcere; a militância comunista em seus últimos anos de vida; os debates em torno da Constituinte de 1946; e a defesa dos autores nacionais quando de sua passagem como presidente da Associação Brasileira de Escritores.

Em meio a tamanha diversidade, o critério que norteou a seleção dos textos ora publicados, cuja autoria de Graciliano pudesse ser comprovada de maneira assertiva, foi a publicização preliminar destes feita pelo autor, seja em páginas de jornais e revistas, seja em discursos e comícios. Tal diretriz editorial fez com que se privilegiassem escritos mais bem acabados, trazidos previamente a público pelo artista, ainda que em suportes precários, distantes da perenidade e prestígio do formato livresco. De todo modo, em sua maioria, não se trata de esboços e fragmentos, ou seja, de versões anteriores que possivelmente viriam a ganhar outro acabamento.

Fogem dessa regra apenas cinco produções, extraídas única e exclusivamente de manuscritos, ou seja, sem exposição oral ou jornalística prévia efetuada por Graciliano: o referido conto “O ladrão” e as crônicas “A literatura de 30”, “Jorge Amado”, “O negro no Brasil” e “Revolução Russa”. A inclusão de tais composições nestes *Garranchos* se justifica, sobretudo, em função da relevância cultural que apresentam quer para o conjunto da obra do autor, quer para a compreensão matizada de suas posturas em face de importantes questões da época em que viveu.

***Garranchos* e o pseudorrebaixamento**

Aparentemente paradoxal, a escolha do termo “Garranchos” para nomear esta coletânea deve-se, em primeiro lugar, ao fato de 14 dos textos, ora apresentados, terem sido publicados em seção com este mesmo título no jornal *O Índio*, de Palmeira dos Índios, entre janeiro e maio de 1921. Logo, em meio ao conjunto heterogêneo de mais de oitenta escritos aqui reunidos, esta série se destaca por constituir uma unidade específica, de crônicas articuladas entre si, em que o narrador projetado por Graciliano, encoberto pelo pseudônimo “X”, procurava construir uma identidade e um estilo bem definidos. Em tais produções, o escritor privilegiava um discurso mais direto e participativo, assumindo, muitas vezes, a condição de defensor da população da cidade interiorana representada pelo jornal. Para tanto, recorrentemente, vale-se de um tom opinativo e mordaz de polemista.⁵

De maneira análoga, os demais textos integrantes do presente livro também revelam um Graciliano mais atuante, que toma partido e não foge à luta ao se defrontar com as principais questões literárias e sociais de seu tempo. O escopo de sua ação, contudo, amplia-se: não será mais o microcosmo municipal, nem depois a esfera estadual, mas sim o país, o grande diálogo nacional. Seja colocando-se a favor do romance nordestino de 1930, seja militando no Partido Comunista do Brasil, posiciona-se diante dos grandes debates artísticos e políticos em torno da construção do país.